



Realmente vivemos tempos sombrios!

A inocência é loucura.

Aquele que ri ainda não recebeu a terrível notícia

Que está para chegar.

Bertold Brecht

Sem dúvidas atravessamos um período político grave no país.

É nesse gravíssimo, quase estado de exceção, que lançamos mais um número de nosso periódico. Há um complicado processo, interligado aos interesses econômicos do capitalismo mundial e que se acentua com a extrema-direita no poder, o que tem implicado em deturpações não apenas na esfera do poder mas em toda a estrutura social.

Os primeiros ataques do novo (des) governo foram contra os mais frágeis, contra todas as formas do rural mais tradicional: indígenas, quilombolas, assentamentos de Reforma Agrária e extinção de ministérios ligados ao trabalho de modo geral. Se não houver resistência da sociedade como um todo, nossos índios terão ainda mais diminuídas as terras que já foram suas. Idosos e deficientes pobres estão ameaçados de sobreviver com quantias miseráveis.

O processo, cheio de calúnias e perversidades não é fácil de ser compreendido. O povo, hipnotizado pela TV, não tem conhecimento dos fatores que a Ciência Política pode elencar (afinal as pessoas têm que trabalhar, e muito, para sobreviver). Mas já estão sentindo as consequências. Enquanto isso, as elites e aqueles que com ela se identificam, encastelados em privilégios que tendem a aumentar, negam-se a reconhecer a farsa que levou este grupo ao poder – e da qual, muitos deles participaram.

De início, a sociedade parecia paralisada: alguns não conseguiam explicar o próprio voto e torciam timidamente “para tudo dar certo”, enquanto outros se manifestavam nas redes sociais, o que nem sempre dá resultados imediatos. Mas, de repente, o governo mexeu em um verdadeiro vespeiro – cortes na Educação! E então, a nação despertou: professores e estudantes nas ruas, indignação por toda parte...

E aqui vale uma reflexão para explicar esse “despertar”. Educação pública e gratuita é um VALOR criado inclusive pela burguesia como resultado de sua grande revolução e aqueles que estão na sala de aula tomam logo consciência de que esse direito fundamental lhes pode ser negado.

Os sintomas já eram claros: reforma do ensino médio, excluindo humanidades; abertura à privatização desse nível de ensino, reforma trabalhista para “desprofissionalizar” o magistério; perseguições políticas; criminalização na escola amordaçada (movimento escola sem partido).

Os cortes de verba atingirão todos os níveis de ensino, mas se concentraram nos mais altos patamares do sistema – o que parece, aos não esclarecidos, apenas eliminação de privilégios. Mas é preciso consultar estatísticas, e compreendermos então o porquê do ataque às Universidades Federais. Cresceram nelas, e não só nelas, as porcentagens de pobres, negros, gays e outros tipos de excluídos durante a última década. Desmascarou-se o mito das Universidades Públicas reservadas às elites. Um governo que criou 18 universidades colocou em cena uma outra face do processo. Para os poderosos é preciso barrar a ascensão desses grupos outrora excluídos e que agora chegam ao mestrado e precisam de bolsas para prosseguir – prática essa altamente democratizante. A Educação nesses níveis forma intelectuais engajados na luta pela humanização da sociedade: estudantes a intelectuais estão sempre ao lado das massas que lutam por melhores condições de vida. Portanto, cortem-se as bolsas e deixem o doutorado para as elites – esse o plano dos poderosos escondido pela ideologia de que sobrarão verbas para os primeiros degraus da escolaridade.

Mas os cortes não atingem só a Educação. A Saúde já está pagando seu preço e os alimentos, a base para um povo saudável, serão agora mais envenenados, com a liberação total de agrotóxicos – do começo de 2019 até meados de maio, 169 produtos foram liberados. E quanto aos custos, observem a especulação com os produtos essenciais (cereais principalmente) nas bolsas do futuro, o que se correlaciona com a fome no mundo – um processo de financeirização da alimentação que nos assombra.

Ao longo de 500 anos, o Brasil foi condenado a produzir para o mercado externo, destino contra o qual temos lutado principalmente pelas propostas de Reforma Agrária. Mas o fantástico poder do agronegócio reforça retrocessos a esse padrão histórico, agora com a sugestiva produção de commodities – ou seja, soja para o gado europeu e o gado nacional destruindo a floresta amazônica, do Bico do papagaio a Roraima.

Não por acaso, nosso periódico hoje se destaca com quatro textos sobre abastecimento interno e segurança alimentar, enquanto uma estratégia de desenvolvimento que se contrapõe à agroexportação. Que segurança teremos em relação à alimentação saudável? E quem continuará tendo acesso à comida? A fome, característica do Brasil no passado, e que o governo Lula combateu sem meias verdades, nos espreita. E quanto à soberania alimentar? As forças reacionárias já acabaram com a soberania no plano das nações. Quem se preocupa com soberania alimentar? – conceito complexo, conforme mostra um dos nossos artigos.

Tais temas são retratados em artigos de caráter mais teórico, tanto as questões de segurança e soberania alimentar como o papel fundamental que as agriculturas

familiares têm na sua realização. Afinal, mais de 70% dos alimentos que abastecem a população brasileira advêm das agriculturas familiares.

Preocupação central que permeia há muitos volumes de Retratos é a agroecologia e outras questões ambientais, como as mudanças climáticas, abordadas por meio das políticas públicas e das representações de assentados rurais. Torna-se impossível dissociar a agroecologia das formas de resistência. E neste sentido, entre contradições e resistências, a trajetória de luta pela terra, os obstáculos e as conquistas nos permitem o fechamento desta edição com um misto de esperança e atenção.

Já se tornou chavão a irônica observação de Marx: a história como tragédia, que se repete como farsa. Estaremos engolindo essa farsa para perceber ao final que a farsa pode ser pior do que tragédia, conforme sugere o filósofo esloveno Slavoj Žižek? Ou movimentos das massas tomarão as rédeas desta luta, da qual, Retratos de Assentamentos procura, a seu modo, participar, estimulando leituras críticas e comprometidas com os destinos da nação.

Os Editores